ENTREVISTA

Barney Warf



Entrevistado em abril de 2016,
por André Pasti, Melissa Steda e Wagner Nabarro.

Durante o I Seminário Internacional Geografia e Finanças, realizado em São Paulo entre 6 e 8 de abril de 2016, Barney Warf participou da mesa-redonda "Sistemas técnicos, trabalho e automação bancária" e ministrou o minicurso "*Globalization, social theory and economic geography*". O geógrafo estadunidense nos concedeu uma entrevista, onde abordamos uma série de assuntos relacionados a sua experiência como pesquisador em diversos temas da Geografia.

Boletim Campineiro de Geografia: Podemos observar, através de seus artigos, que o senhor tem interesse por um grande número de assuntos. Como você se interessou pela Geografia e como a escolheu como carreira acadêmica? Conte-nos um pouco sobre sua trajetória acadêmica.

Barney Warf: Eu venho de uma família incomum. Meu pai era professor de química, então cresci em um ambiente acadêmico. Vivi os primeiros sete anos da minha vida na Indonésia, então indonésio era minha primeira língua — estranho, não é? — e depois nos mudamos de volta para os Estados Unidos. Eu nasci em Los Angeles, nos mudamos para a Indonésia, e depois nos mudamos de volta. Então eu tinha quase oito anos e nunca tinha assistido televisão, não sabia quem era Mickey Mouse (risos). Eu me perguntava "onde estou?!". Isso me deu uma apreciação da cultura americana como um estrangeiro. De uma maneira pela qual muitos americanos não têm.

Eu colecionava moedas quando era criança, lia a revista National Geographic, coisas assim, então fiquei interessado e na escola decidi que queria ser cartógrafo. Quando comecei a faculdade, fiz uma aula de Geografia Cultural, e disse então "cartografia é chato, geografia humana é interessante". Tive um ótimo professor e me tornei major em Geografia. Penso que muitas pessoas são influenciadas na escolha do que querem estudar por terem um bom professor — é algo realmente importante. E ao mesmo tempo me tornei um Maoista em Los Angeles — meu irmão era comunista. É um tanto estranho, eu disse que tinha uma família esquisita (risos). Então aprendi marxismo mas fora da escola, embora isso depois se tornasse bastante útil para mim.

Depois, saí do movimento Maoísta e me tornei o "Sr. Positivista". Queria modelar tudo, me apaixonei por matemática, estudei cálculos e mais cálculos. E então, em meu mestrado, tive um orientador marxista muito famoso chamado Allen Scott. Ele é um dos maiores geógrafos econômicos do mundo e eu redescobri o marxismo, mas dessa vez de uma perspectiva acadêmica. Mudei minha perspectiva novamente, e me tornei o "Sr. Marxista Estruturalista" de novo. E então, no meu doutorado, descobri a fenomenologia, e percebi que o marxismo era incompleto e não explicava a consciência humana muito bem. Li bastante sobre teoria social, um pouco sobre a teoria da estruturação — Benno Werlen é bastante estudioso disso também. Foi assim que entrei na Geografia e foi isso que formou meu mundo intelectual.

Desde que me graduei, vi muitas modas e tendências na Geografia ao longo do tempo. Aprendi a me tornar mais cético com relação a isso, mas de vez em

quando empresto coisas de algumas delas. Não acho que temos que escolher sempre, ser purista não é uma coisa boa. Estava em uma conferência uma vez e disse isso, e alguém me chamou de emprestador de teorias (risos). Eu disse que acho que então eu sou, porque empresto coisas de diversas teorias, em diferentes línguas, que são úteis para diferentes linhas de pesquisa… Essa é a versão curta (risos).

BCG: O que pensa da Geografia acadêmica nos Estados Unidos hoje? Quais linhas de pensamento parecem emergir, e como percebe esse cenário?

BW: É uma época muito interessante para ser um geógrafo. Não só nos Estados Unidos, mas em grande parte do mundo. Porque não há apenas um paradigma ou escola de pensamento dominante nesse campo. No passado, quando o positivismo era supremo, você tinha que ser positivista, todos tinham que pensar da mesma maneira. E então veio o marxismo e todos tinham que ser marxistas. Mas a Geografia se tornou muito mais diversa intelectualmente, e eu acho que isso levou a um renascimento da Geografia nos Estados Unidos e em outros lugares também. A Geografia historicamente foi sempre uma disciplina primitiva e retrógrada nos Estados Unidos, muitos americanos ainda acham que estamos apenas decorando capitais, coisas estúpidas assim.

Algumas tendências que penso que se tornaram muito interessantes…. Em primeiro lugar, existe atualmente uma longa tradição de Geografia feminista, muito poderosa e ainda bastante impressionante. Ela se interligou com o marxismo em alguns aspectos, e deu lugar a outros tipos de política identitária, então tem havido grande interesse em raça e diversidade. E um grande interesse na sexualidade. Além disso, a partir dos anos 1990 vimos uma explosão do pensamento pós-estruturalista, muito do qual foi importado da França. Algumas vezes fico impaciente com o pós-estruturalismo porque eles frequentemente escrevem de maneiras muito obscuras e diferentes. Mas se pudermos passar pelo problema da escrita, há realmente coisas muito interessantes. As visões sobre a sociedade e o espaço como redes, a visão de tudo como relacional, uma mudança do espaço cartesiano para o de relações…. Acho que isso fez a Geografia muito mais complexa e muito mais diversa.

O debate atual sobre um mundo mais do que humano, a ideia de que as fronteiras entre humanos e não-humanos, sejam quais forem, são fronteiras artificiais — quero escrever um livro sobre isso se tiver algum tempo — e as geografias pós-humanas, dizendo que desde a renascença as ciências sociais sempre

puseram os seres humanos no centro. Temos sido um conjunto de disciplinas antropomórficas. As disciplinas não começaram a emergir antes do século XIX, então estou projetando essa ideia para o passado de certa forma. Então, o que pareceriam as ciências sociais se as pessoas não estivessem na frente — se levássemos os animais a sério… Existe uma área muito agitada de Geografias animais hoje em dia. Seres humanos são animais. Em nossa impaciência ao mostrar que animais não são pessoas, esquecemos que pessoas são animais.

A ideia deles de América Latina é de pessoas cuidando de ovelhas nos Andes, no Peru, ou cultivando coca, café, ou em pequenas fazendas. É uma visão rural estranhamente romantizada.

Esses eu considero que são alguns dos campos de vanguarda. É claro que existem várias outras coisas ocorrendo na Geografia, em áreas que não tenho trabalhado. Os SIG continuam marchando adiante, como um robô — são muito populares. Fizemos muitos trabalhos sobre interações entre humanos e o ambiente, uma ecologia política, uma ecologia cultural, o que acho ótimo.

A Geografia cultural já sofreu por um bom tempo sob o legado de Carl Sauer, e muitos geógrafos culturais ainda são sauerianos. Faço alguns trabalhos para a Conferência de Geógrafos Latino-americanistas — tenho muitos amigos que são geógrafos culturais e que estudam a América Latina. Mas a ideia deles de América Latina é de pessoas cuidando de ovelhas nos Andes, no Peru, ou cultivando coca, café, ou em pequenas fazendas. É uma visão rural estranhamente romantizada. Digo para as pessoas que quando vou à América Latina vejo cidades, bancos, Internet… Minha visão da América Latina é urbana e voltada para os serviços. Vou escrever um artigo chamado "afastando a mão morta de Sauer da geografia cultural latino-americanista". Tenho certeza que ficarão bravos comigo. Mas é como se a maior parte da Geografia cultural tivesse se movido para a teoria social. Os americanos que estudam a América Latina ainda são um tanto retrógrados e tradicionalistas. Os chamo de *dinossauerianos* — se é que me entendem.

BCG: Já que estamos falando sobre os Estados Unidos, gostaríamos de saber se você enxerga possibilidades de aproximação entre as geografias anglo-saxônicas e a produção latino-americana na Geografia.

BW: Bem, construir pontes entre elas é um sonho bastante antigo. E isso não está acontecendo muito rapidamente, não é? Acho que por várias razões. Em parte

porque americanos são preguiçosos e não leem espanhol e português. O que é interessante porque se você é marxista tem que aprender francês. Allen Scott viveu na França por cinco anos e fala francês perfeitamente. Existem americanos que falam espanhol e alguns que falam português, tenho amigos que estudaram o Brasil. E eles fazem trabalho de campo na América Latina. Então a diferença linguística ainda existe.

Além disso, não há muitos geógrafos que não sejam anglo-saxônicos nos Estados Unidos. Há os chineses, é claro. Mas não há muitos geógrafos latinos nos Estados Unidos, alguns, mas não muitos, e penso que isso é um impedimento. No entanto, isso começou a mudar. Nossa associação nacional tornou-se mais e mais diversa ao longo do tempo. Por exemplo, mudaram o nome esse ano, e não é mais a Associação de Geógrafos Americanos (*Association of American Geographers*), mas Associação Americana de Geógrafos (*American Association of Geographers*). Porque 25% dos membros não são americanos. Também a AAG, que é muito bem gerenciada e adquiriu muito dinheiro porque tem um excelente diretor executivo, usou esse dinheiro para divulgar programas, em parte para trazer pesquisadores e estudantes de outros países para os Estados Unidos para conferências. Então agora você vai à AAG e há sessões em espanhol. E, é claro, em muitos periódicos o *abstract* pode ser em inglês, espanhol e chinês. Desculpem, não em português, mas creio que vocês podem ler em espanhol (risos).

Penso que esse tipo de ligação cultural é boa. Promove um entendimento mútuo. É bom para os americanos aprender sobre outras perspectivas, pois muito de sua Geografia é focada nos Estados Unidos. Se observarmos a literatura sobre geografia eleitoral, toda ela é sobre eleições americanas. Bem, sabemos que há outras eleições. Então gostaria de ver mais trabalhos sobre outros países, e uma fertilização cruzada entre diferentes perspectivas. Então o potencial está lá e penso que pode ser realizado, mas isso tem sido muito lento e gradual.

BCG: Tendo visitado São Paulo nos últimos dias, quais seriam os limites e aplicações do conceito de cosmopolitismo nesta cidade? Como São Paulo se compara com outras grandes metrópoles no mundo?

BW: Bem, não estou certo sobre o que querem dizer com cosmopolitismo, então estou um pouco hesitante em responder essa questão sem entender. Porque cosmopolitismo é um termo muito popular mas pode significar diferentes coisas. Então responderei sua questão em duas partes. Em primeiro lugar, para mim, cosmopolitismo tem um significado muito específico. Escrevi sobre a Geografia do cosmopolitismo. Para mim, não para todos, cosmopolitismo é uma ideologia

distinta que tem raízes na Grécia, mas pode ser rastreada até Immanuel Kant. Vejo ela como um antídoto ao nacionalismo. Sou um antinacionalista militante e penso que o cosmopolitismo é uma visão do mundo que não coloca o Estado-Nação no centro. Escrevi sobre isso. Usei o cosmopolitismo como uma marreta contra o nacionalismo. Não sei se é isso que quiseram dizer em sua questão, porque outro significado do cosmopolitismo seria algo mundialmente sofisticado, algo assim.

BCG: Perguntamos porque vimos suas publicações sobre isso recentemente, então queríamos que expusesse sua visão.

BW: Claro, eu não tinha certeza... Então, acredito que o cosmopolitismo é útil como maneira de desmontar a xenofobia e o chauvinismo nacional — como "meu país é o melhor". Todos pensam que seu país é o melhor, mas todos não podem ser os melhores. É também útil como maneira de reconhecer que não há nada natural sobre nacionalismo. É uma ideologia histórica, serve para alguns interesses e não para outros. Tem sido usado para dividir as pessoas e justificar a guerra, coisas assim. Se começar a falar sobre nacionalismo não vou mais parar. Eu tenho um intenso desafeto pelo nacionalismo porque ele exagera as diferenças entre as pessoas e as culturas. Tende a engajar nesse processo de discriminação: "pessoas no outro lado de uma fronteira são milagrosamente muito diferentes e inferiores a nós".

Então tenho estado bastante animado com o crescimento do cosmopolitismo ao redor do mundo. É claro, o nacionalismo ainda é a ideologia mais poderosa no mundo, e há outras ideologias transnacionais como o fundamentalismo islâmico, por exemplo. Mas se olharmos as pesquisas, há uma pesquisa internacional sobre os valores mundiais, e 20% da população se identifica como cosmopolita. Bastante interessante. É claro que tendem a ser pessoas que tiveram uma melhor educação no mundo todo. Que podem se enxergar em termos pós-nacionais.

Então é muito mais do que ser sofisticado. Esse é meu ponto. É uma ideologia fundada na empatia e no respeito à diferença, enquanto o nacionalismo sustenta que a diferença é ruim. Nacionalismo tende a esconder diferenças dentro dos países. Finge que todos são o mesmo, quando obviamente não o são. É por isso que sou atraído pelo cosmopolitismo. Vocês perguntaram sobre São Paulo. São Paulo na verdade é obviamente uma cidade bastante cosmopolitana em certo sentido. Fiquei espantado pelo número de bancos e sedes corporativas aqui e não tinha percebido o quanto era uma cidade comercial importante. Não apenas para o Brasil, mas creio que para a América Latina. Então é uma parte da cidade que é bastante nova para mim.

BCG: Você notou as bandeiras do Brasil ao longo da ao redor da avenida Paulista? O nacionalismo está forte no Brasil agora, por causa da crise política. Trump é também uma expressão do nacionalismo...

BW: Sim, mas Trump é muitas coisas. Ele é uma expressão da raiva e frustração da classe trabalhadora americana, especialmente homens com pouca educação de colarinho azul (*blue collar*), que tem sofrido terrivelmente com a globalização. E Trump canalizou sua raiva para o nacionalismo e o racismo. Esse tipo de ideologia fascista muito simplista. Mas também há Bernie Sanders. Bernie Sanders é uma expressão dessa frustração, mas nesse caso movendo-se para a esquerda. Canalizando a raiva para a classe dominante. Então... estou espantado com a popularidade de Sanders. E gosto do Sanders, mas não acho que ele pode ganhar, na minha opinião.

BCG: Como estamos falando sobre política, com a evolução do sistema democrático, tem havido um desafio com relação a como lidar com a corrupção que emerge das relações políticas e também se interrelaciona com questões financeiras, como podemos ver com as recentes descobertas sobre os paraísos fiscais, como os *Panama papers*. Qual poderia ser uma possível abordagem para esse problema e qual seria o papel do geógrafo em entender essas dinâmicas políticas?



BW: Essa é uma questão bastante pesada. Em primeiro lugar, apesar dos retrocessos, acredito que a democracia fez muitos grandes avanços nos últimos cinquenta anos ao redor do mundo. Lembro que a América Latina toda era governada por governos militares terríveis, inclusive o Brasil. E se observarmos as sociedades... Por exemplo, os Estados Unidos é uma sociedade conservadora, mas, mesmo assim, houve movimentos de direitos civis, de direitos para as mulheres... Começou com o movimento dos negros nos Estados Unidos, mas depois houve o das mulheres, o movimento ambiental, e depois o movimento dos direitos dos homossexuais. Tiveram sucesso em criar uma sociedade muito mais aberta e democrática e muitas mudanças semelhantes em outros países se espelharam nisso. Agora na Europa e penso que em partes da América Latina.

Por exemplo, o movimento gay, que dez anos atrás todos pensavam que tratava sobre coisas obscuras, pequenas e desimportantes, e de repente explodiu.

Com uma rapidez espantosa. E agora a última batalha tem sido a das pessoas transgênero nos Estados Unidos. Então penso que em todo lugar há uma demanda crescente por liberdades democráticas e vemos isso no colapso de muitos regimes militares. No fim do comunismo na Rússia. Porque o comunismo sempre foi uma ideologia muito antidemocrática. Espero que algo assim aconteça na China em algum momento. Penso que no longo prazo a tendência tem sido esse tipo de marcha em direção a maiores liberdades.

Ao mesmo tempo, existe o neoliberalismo. E o neoliberalismo é uma força global que elevou conservadores em todo o mundo. Em minha visão, os conservadores mundiais geralmente se opõem à expansão das liberdades democráticas. E vemos isso nos Estados Unidos, com os conservadores tentando limitar o direito ao voto. Tentando restringir liberdades para os gays e para outras pessoas. Criando um ambiente que é perfeito para corporações, mas não para pessoas. Então a exposição de coisas como a corrupção, como os *Panama papers*, ou a exposição da vigilância estatal, como com Edward Snowden... toda vez que algo assim acontece as pessoas ficam chocadas. Mas todos nós sabemos que isso tem acontecido por um longo tempo. Não há nada realmente surpreendente sobre a corrupção. A maior parte do mundo é corrupta. Alguns mais do que outros. Inclusive tenho feito alguns artigos sobre a geografia da corrupção. Em alguns lugares, a corrupção deixa os países mutilados. Nigéria, Iraque, Afeganistão... Quer dizer, os faz disfuncionais, não é?

A corrupção prospera e corporações gostam de ambientes que favorecem o segredo. O que eles não gostam é de mais transparência [...]. A democracia é um antídoto para a corrupção e o neoliberalismo. Então, apesar de a democracia ter se expandido, existe uma guerra contínua contra os conservadores que querem tornar o mundo seguro para as corporações.

A Geografia é útil para destacar o contexto local da corrupção, e mostrar por que é pior em alguns países do que em outros. Conexões e redes internacionais de indivíduos ricos e *think tanks* conservadores, ou como as corporações estão escondendo dinheiro... A corrupção prospera e corporações gostam de ambientes que favorecem o segredo. O que eles não gostam é de mais transparência. Então em países com uma mídia livre temos menos corrupção do que em países onde o poder é centralizado. A democracia é um antídoto para a corrupção e o neoliberalismo. Então, apesar de a democracia ter se expandido,

existe uma guerra contínua contra os conservadores que querem tornar o mundo seguro para as corporações.

BCG: Sobre a mídia... Parece que as redes de telecomunicações de hoje estão controladas por companhias cada vez mais concentradoras. Falamos aqui sobre a Internet, operadoras de telefonia, estações de rádio, jornais, conglomerados da mídia. Qual é a importância dos fluxos de informação para o capitalismo atual e, incluindo os aspectos culturais da globalização, como você interpretaria essa concentração da mídia e suas consequências?

BW: A concentração de poder e da propriedade da mídia sempre é muito preocupante. Escrevi um artigo sobre isso certa vez. Fico apavorado com isso. É verdade, um pequeno número de companhias domina a maior parte da mídia mundial. Meu vilão favorito é Rupert Murdoch, que é um australiano, mas vive nos Estados Unidos e tem um império na Europa, nos Estados Unidos, na China… Na televisão ele é dono da Fox News. E uma das várias sérias consequências da concentração corporativa é que ela é sempre conservadora. Você nunca encontra uma concentração liberal de proprietários de mídia. Também tende a sempre homogeneizar notícias e pontos de vista. Como observei durante o curso, torna-se um veículo para exportar a cultura americana ao redor do mundo. De algumas maneiras essa concentração da mídia e o neoliberalismo global dirigido pelos americanos andam de mãos dadas. Então podemos ver essa mídia corporativa como outro veículo do neoliberalismo de certa maneira.

A concentração da mídia e o neoliberalismo global dirigido pelos americanos andam de mãos dadas.

Dito isso, há uma alternativa. Penso que a mídia social, e em certa medida a Internet, fornecem uma maneira diferente de obter informação. A Internet é vasta e existem muitas, muitas fontes de notícias nela. Que não são necessariamente de corporações. Então, até certo ponto, a mídia digital pode ser uma espécie de balança com relação a essa mídia corporativa. Não quero exagerar, pois muitas pessoas ainda dependem da televisão ou do rádio. Mas, por outro lado, se observarmos as populações que dependem mais da mídia digital, elas tendem a ser mais progressistas — nos Estados Unidos. Houve um deslocamento para a esquerda entre a população jovem. As mesmas pessoas que confiam na mídia social, no Facebook, para obter suas notícias. E para muitos jovens, a televisão é de certa forma obsoleta. Não consigo não pensar que isso não é uma coincidência.

Então uma última observação. Temos o famoso teorista Jürgen Habermas. Alguns não gostam do Habermas, mas ele escreve sobre algo chamado "situação

ideal de fala", que é a noção de que a verdade — porque Habermas ainda tem um tipo de visão iluminista da verdade — é o que produzimos quando chegamos a um consenso uns com os outros. Isso é bastante diferente da teoria da correspondência da verdade que mencionei no curso. A verdade é o que concordamos após um debate às claras, quando não há limitações na habilidade das pessoas em convencer as outras partes. É claro que sempre existem algumas limitações. Mas Habermas oferece a ideia da situação de fala como um tipo de metáfora para como produzimos conhecimento de uma maneira que não está restringida por classe, ou gênero, ou raça, ou idade, ou coisas assim. Acho que a Internet chega o mais próximo da situação ideal de fala do que qualquer coisa que possamos encontrar. E, no livre debate, quando não há uma questão de dinheiro ou autoridade por trás, as ideias progressistas sempre ganharão. Porque penso que, no seu cerne, as ideias conservadoras são inerentemente e inescapavelmente falidas.

BCG: Essa concentração da mídia por vezes parece relacionar-se bastante com os fluxos financeiros, como podemos ver nos discursos sobre a economia nos jornais e no papel das agências de *rating* creditício e canais de televisão sobre economia... Como podemos pensar essas relações entre a geografia cultural e a geografia econômica para entender a relação entre aspectos culturais da mídia, os discursos midiáticos, e uma geografia mais econômica?

BW: Ironicamente, toquei um pouco nesse assunto hoje... Nos últimos dez anos ou um pouco menos, tem havido bastante interesse da geografia econômica na cultura, isso é chamado de "virada cultural". Deveríamos ver a divisão entre economia e cultura como uma divisão estúpida. Grande parte das ciências pós-estruturalistas está tentando ir além dessas dicotomias. Global e local, humano e natural, cultural e econômico. E também humano e não-humano. São todas um tanto enganosas. Isso levou, em parte, a uma ênfase muito maior às indústrias culturais. Tradicionalmente indústrias como o cinema, a publicidade, o turismo eram consideradas estúpidas e irrelevantes. A geografia econômica real era sobre automóveis, aço, eletrônica... isso mudou. Mudou em parte porque as manufaturas tradicionais estão decaindo em todo lugar, e estão se tornando tão intensivas em capital que não há mais tantos empregos.

Também há um reconhecimento de que o capitalismo mudou, parte da mudança em direção ao neoliberalismo globalizado é a ascensão de um capitalismo muito mais intensivo em informação, no qual o próprio símbolo adquiriu uma importância econômica. Muitos dos franceses ficaram animados com isso, como Baudrillard... Vivemos em um mundo de significantes destacados, vivemos em um

simulacro. O capitalismo, essa última forma do capitalismo, pois sempre houve muitas formas, é altamente dependente da mercantilização da consciência. E da competição por atenção e da criação de mercados de nicho especializados. Um mundo no qual símbolos e significados adquiriram um tipo de importância sem precedentes. E um mundo que parece quase se afastar das dimensões econômicas.

Ou seja, você encontra nos EUA crianças pagando seiscentos dólares por um tipo muito especial de sapatos, ou um jeans azul que é muito caro, embora seja rasgado. Quer dizer, é o simbolismo que importa. Algumas pessoas chamam isso de capitalismo cultural cognitivo. É o capitalismo que tenta entrar o mais profundamente possível na sua cabeça. Acho que há um risco de exagerar isso, porque o capitalismo sempre tentou entrar em nossas cabeças, certo? Da religião às outras coisas. Mas nunca nesse nível. Penso que no passado, quando não havia muitas escolhas em termos de mercadorias, poucas empresas faziam propagandas na televisão. "Compre nosso carro, compre nossa cerveja…" e acabava por aí. Agora, essa importância simbólica se tornou muito crítica, e também muitos tipos de trabalho dependem do trabalho intelectual. Qualquer trabalho no qual você use suas mãos para trabalhar, não dá nenhum dinheiro. Os únicos empregos que dão dinheiro são aqueles nos quais se usa a cabeça.

Essa última forma do capitalismo é altamente dependente da mercantilização da consciência […]. Um mundo no qual símbolos e significados adquiriram um tipo de importância sem precedentes.

Isso significa que ao redor do mundo todo tem havido um crescimento desse tipo de classe média com uma educação relativamente boa. Grande parte é uma classe média bastante globalizada, que vive em um ambiente rico em informação e precisa processar informação em seu emprego, coletar informações, analisar, transmitir, compartilhar em diferentes meios. É com isso que o capitalismo contemporâneo se parece. Então é mais do que apenas um tipo de indústria criativa e artística, é uma ênfase forte em inovação, na aceleração de ciclos produtivos, na intensificação do marketing.

BCG: Falando sobre a globalização cultural, essa mudança cultural transformou muitas religiões, gerando inclusive fortes reações, como o crescimento de grupos extremistas, baseados na manutenção de religiões tradicionais, como oposição à cultura ocidental. Nesse cenário, a Geografia deveria dar mais atenção à religião e sua relação com a política? Dedicar-se

a estudar sujeitos como as igrejas neopentecostais, o crescimento do ateísmo e mudanças no mundo islâmico?

BW: A Geografia certamente deveria dar mais atenção à religião. Como vocês sabem, sou um ateu militante. Não que eu não goste da religião, eu reconheço que ela é importante. E penso que não apenas a Geografia, mas muitas das Ciências Sociais fizeram um terrível, terrível equívoco em dispensar a religião. Já publiquei sobre religião, a maior parte no contexto da diversidade religiosa e como ela é criada, o que ela é. Penso que há vários fatores que levaram a esse erro terrível.

Começando com Max Weber, o famoso sociólogo, no começo do século XX. Max Weber fez esse argumento de que o desenvolvimento do capitalismo industrial levaria a uma inevitável secularização da sociedade. Ele usou uma metáfora muito famosa da gaiola de ferro. A gaiola de ferro da racionalidade, como a racionalidade capitalista burocrática, baseada no mercado, desceu sobre nossa sociedade e esmagaria a religião até que ela se tornasse apenas um estudo do irracional. Então Weber tinha essa visão do futuro muito obscura e pessimista, ele dizia que o capitalismo começou na religião, na ética protestante, o que é uma afirmativa muito questionável, e que acabaria por destruir a religião.

A tese da secularização se espalhou bastante pelo mundo, especialmente na academia, porque muitos acadêmicos são seculares. Se não são ateus, são agnósticos. Então muitos acadêmicos decidiram "sabe, não há sentido em estudar a religião porque ela morrerá, é apenas um conjunto de pessoas estúpidas, com crenças medievais, por que levá-la a sério?". E então *boom*: ao final da guerra fria vemos essa explosão global de fundamentalismo religioso. Não apenas o Islã, mas nos Estados Unidos há tipos religiosos loucos, que espumam pela boca, e fundamentalismos religiosos judaicos, hinduístas... Um crescimento dos protestantes evangélicos na América Latina. Ninguém esperava isso, e está claro que a tese da secularização estava errada. E que era simplista.

A tese original da secularização era que a Europa se tornou um continente secular, e o resto do mundo se moveria em direção a ela. A Europa seria com o que o futuro se parece. Mas isso não é verdade. De uma perspectiva geográfica, a Europa é a exceção. A religião é a norma em grande parte do mundo. Então ignoramos a religião a um custo terrível, e estamos despreparados para entender o apelo do fundamentalismo em muitos tipos de sociedades. Então agora que a tese da secularização está morrendo gradualmente e muitas pessoas falam sobre a dessecularização do mundo, acaba essa ideia de que a religião é um vestígio do passado logo vai desaparecer... Não significa que [a religião] está certa. Ideias não têm que estar certas para serem populares.

BCG: Falando sobre outros países, alguns como a China e a Índia têm uma quantidade imensa de usuários de Internet e um tráfego massivo, embora em alguns casos não acessem os maiores websites conhecidos no mundo ocidental, como Google e Facebook, dando preferência a outros, como o Baidu e o Renren. Eles têm uma identidade completamente diferente, que muitas vezes não é abrangida em análises ocidentais. Também tem crescido sua participação nos debates internacionais sobre governança da Internet. Considerando as implicações da difusão do acesso às redes de telecomunicações nesses países, quais são as possibilidades de pensar a Internet de maneira global atualmente?

BW: Há muitos elementos nessa questão, não sei bem por onde começar. Em primeiro lugar, muitas pessoas pensam a Internet em termos a-espaciais, como se estivesse brotando de nuvens em algum lugar (risos). Mas não é, a Internet está na Terra. O que significa que é geográfica. E penso que antes de tudo precisamos de um entendimento geográfico da Internet. O ciberespaço é um tipo de espaço e como todos os espaços é moldado por contextos locais, trajetórias históricas, pela cultura, política local, tudo, desde quantas pessoas a utilizam… Desigualdades sociais são reinscritas no ciberespaço. Então não podemos vê-la como algum tipo de coisa no ar, apolítica e associal. Da maneira como vocês fizeram a pergunta, eu reposicionaria um pouco, porque passa a impressão de que China e Índia são o mesmo, e são muito diferentes.

BCG: Apenas pela grande quantidade de pessoas...

BW: Cerca de 40% do mundo está usando a Internet agora, por volta de 3,2 bilhões de pessoas. Isso está crescendo rapidamente, como 50% ao ano. Não demorará até que seja mais que isso. Na China já é isso. Seiscentos milhões de pessoas, o maior grupo nacional de usuários. É duas vezes a população dos EUA só de usuários de Internet na China. Mas a Internet na China tem um significado diferente da Internet no Brasil ou nos Estados Unidos. Quando tratamos da governança da Internet, a Internet chinesa tem credibilidade zero. Adoro a China, adoro as pessoas, adoro a cultura e odeio o governo chinês. É corrupto e é uma ditadura fascista. E talvez seja a censura da mídia e da Internet mais intensa no mundo. A Coreia do Norte é pior, mas isso seria colocar o nível muito embaixo. Praticamente não há Internet na Coreia do Norte, então não importa muito.

Os chineses usaram a censura na TV, no rádio, nos jornais, livros e na Internet para manter o Partido Comunista no poder. E o mantêm no poder porque uma pequena elite de comunistas chineses muito ricos controlam a economia. Vocês mencionaram os *Panama papers*, que mostraram que muitos bilionários

chineses têm contas ao redor do mundo. Não é permitido ler sobre os *Panama papers* na China, porque censuram qualquer menção a isso. Eles têm o famoso *firewall*. Se procurarmos no Google Imagens pela praça Tiananmen, dentro da China veremos bonitas fotos de flores, fora da China veremos a foto do homem na frente dos tanques. Muitos chineses nunca ouviram sobre o massacre da praça Tiananmen porque o governo manteve isso invisível. Eles têm suas próprias redes internas, o Baidu por exemplo, um dos maiores sistemas. Então minha esperança é que o grande *firewall* desmorone na China. Não sei se isso ocorrerá. Existem algumas tentativas de escapar disso usando Virtual Private Networks (VPN) na China. Alguns dos softwares anti-censura foram desenvolvidos por grupos como o Falun Gong, um movimento de resistência budista na China. O Falun Gong desenvolveu ligações com outros movimentos dissidentes ao redor do mundo. Falun Gong ajudou manifestantes no Irã a escaparem da censura, por exemplo, e na Arábia Saudita também. Então mesmo em países com forte censura, há pessoas que querem ultrapassar esse problema.

A Índia é uma história muito diferente, muito mais democrática, muito menores taxas de uso de Internet, muito menos censura. Há um pouco. A maior parte dos países censuram um pouco a Internet. A China é uma espécie de extremo disso. Mas a Índia é a maior democracia do mundo, apesar de ter problemas. Um dos maiores problemas em compará-la com a China ou com o Ocidente é o sistema patriarcal. Tenho interesse na divisão digital, como as desigualdades no acesso à Internet. A divisão digital em termos de gênero nos Estados Unidos desapareceu. Atualmente há mais mulheres do que homens usando a Internet nos Estados Unidos. Não sei sobre a América Latina, então não posso falar desse contexto. Mas na China, essencialmente sumiu. Quer dizer… a China tradicional era um país muito patriarcal, mas ela investiu muito em suas mulheres, na alfabetização e em coisas assim. A Índia não. A Índia é um país terrivelmente sexista. A alfabetização de mulheres é muito menor, o uso de Internet pelas mulheres é muito mais baixo, e é claro, se olharmos para o mundo muçulmano, é uma causa perdida. Mulheres muçulmanas têm muito pouco acesso à Internet, que é majoritariamente de homens jovens.



Apesar de que, pelo que tenho lido, mesmo isso está mudando. Afinal, lembrem-se, é um imperativo em todo lugar, é uma transformação massiva. Em países como a Arábia Saudita, onde aos homens e mulheres não é permitido estarem juntos, muitos homens nunca encontram uma mulher, exceto sua mãe ou irmã, até se casarem. Podem imaginar isso? Nunca irem a um encontro, nunca terem uma namorada, aparecerem no casamento, lá está sua mulher e… "Ok, prazer em conhecê-la" (risos). Mas agora há Internet em cafés na Arábia Saudita, com diferentes salas para homens e mulheres, mas… "Oh… eles estão falando um com o outro! É terrível!" Existe uma analogia aqui. Quando o telefone foi introduzido nas sociedades ocidentais… Isso começou no final do século XIX, mas ninguém podia pagar por um até os anos 1920, que foi quando a classe média começou a usar. O que aconteceu foi que garotos começaram a ligar para garotas pelo telefone e falar sem um supervisor. Chocante, chocante! E acho que algo análogo está acontecendo mesmo em países muçulmanos muito conservadores.

Para entender os impactos da Internet, temos que observá-la em seu contexto geográfico

Meu ponto é que para entender os impactos da Internet temos que observá-la em seu contexto geográfico. A cultura, as pessoas que estão usando, incluindo aí normas de gênero, as políticas governamentais que moldam a Internet, ou que restringem o acesso a certos *websites*… E isso quer dizer que a Internet significa diferentes coisas em diferentes lugares. Uma coisa que é constante é que está crescendo em todo lugar. Está crescendo muito mais rapidamente no mundo em desenvolvimento que em qualquer outro lugar. A Internet está basicamente em saturação na Europa e nos Estados Unidos. Grande parte da Europa tem 85, 90 ou 95% de acesso. Chamam isso de taxa de penetração. Na Escandinávia, é 98, 99 ou mesmo 100%. Sempre há alguma avó que não usa. Nos Estados Unidos é cerca de 80% porque temos uma grande e permanente subclasse de pessoas que são muito pobres, especialmente as mais velhas. Em todo lugar são as pessoas mais velhas que tendem a não usar. Houve um crescimento relativamente pequeno na América do Norte, na Europa, no Japão e mesmo na Coreia do Sul, mas está crescendo na América Latina e está explodindo na Índia e em outras partes da Ásia, da África… E os telefones celulares têm contribuído bastante para isso.

BCG: Exatamente… É por isso que queríamos falar sobre esses países, porque quase só ouvimos sobre a Internet no mundo ocidental.

BW: Meu ponto é que a situação ideal da fala de Habermas está se tornando

global.

BCG: Apenas para finalizar, gostaríamos de ouvir algumas palavras sobre o que você pensa sobre os desafios e objetivos mais importantes para uma agenda progressista de pensamento na Geografia e que tipo de coisas você acha que deveriam ser estudadas.

BW: Em primeiro lugar, reconhecer que os progressistas não estão sozinhos. E que existem mais progressistas na Geografia hoje do que anteriormente. Muitas ciências sociais, como Geografia, Sociologia, Antropologia — a Economia não — se inclinaram para a esquerda. Sua força em termos de quantidade foi reconhecida. O que costumávamos ver como uma pequena maioria é agora uma vasta maioria. Há muito poucos conservadores na Geografia. Na verdade gostaria de ver mais conservadores, ouvir o que têm a dizer. Isso não significa que os progressistas ganharam. Números apenas não são o bastante. É preciso organizar-se. É preciso metas claras — o que queremos? E penso às vezes que progressistas têm essa ideia muito vaga e nebulosa — "queremos um mundo melhor". Bem, isso é ótimo, mas o que significa? Então a agenda progressista precisa ser melhor definida. Não apenas para geógrafos mas para todo mundo.

Acho que precisamos de ligações mais fortes entre acadêmicos e não-acadêmicos. Porque — não sei sobre a situação brasileira — nos Estados Unidos os acadêmicos às vezes operam no que chamamos de torre de marfim, "estamos aqui em nosso pequeno mundo, não precisamos que interagir com outras pessoas…" Precisam sim. Passei três anos como planejador em Nova York fora da academia e foi uma ótima experiência. Porque aprendi muito sobre o planejamento e havia muitas pessoas bastante inteligentes. Uma das coisas que aprendi é que muitas pessoas não pensam que acadêmicos são tão importantes. Acadêmicos pensam que os acadêmicos são a coisa mais importante no mundo. Mas a realidade é que a maior parte do mundo pensa que acadêmicos são estranhos, divertidos, mas não realmente importantes, sabem? Existem todos esses estereótipos culturais de professores que esquecem de colocar os sapatos… Sabem, é uma caricatura, mas acho que precisamos de conexões mais fortes entre intelectuais de todos os tipos e a classe trabalhadora. Não uma via de mão única… esse é o erro que os marxistas fazem. "Nós somos os intelectuais, vocês são a classe trabalhadora. Vamos mostrar a vocês o caminho adiante. Seremos seus líderes, apenas nos sigam". Que visão mais arrogante de mundo. Novamente, é como "sou bem educado, sou importante", certo? Precisamos de modéstia. É uma via de mão dupla. Aprendemos com os trabalhadores. Aprendemos com suas experiências. Quais são suas prioridades? Não dizemos a eles suas prioridades, eles nos dizem. Sobre o que é significativo e

importante.

Precisamos que professores passem mais tempo fora da universidade. Precisamos trazer pessoas de sindicatos e organizações não-governamentais ou grupos ambientais para a sala de aula. Fazer o ensino e a pesquisa acadêmica baseados no mundo real. Fico impaciente com a pesquisa acadêmica às vezes porque penso que perdem de vista o que é importante. Estou editando dois periódicos e as pessoas submetem artigos sobre as trivialidades mais inúteis que se pode imaginar. Por que estudar isso!? Uma pessoa me enviou um artigo sobre por que pessoas na Islândia empurram baleias mortas para o mar. E eu disse "Eu não me importo!". Não, não vou revisar seu artigo, isso é ridículo. É um produto de se estar em um ambiente autoabsorvido. A pesquisa acadêmica deveria falar sobre problemas no mundo real. Mesmo grande parte da teoria social acaba se empolgando demais. Existe um periódico inteiro agora sobre emoções e espaço. Ou a última tendência, que me deixa indignado, que são as auto-geografias, é como uma autobiografia, mas de uma maneira geográfica. É como as pessoas no *Twitter*: "o mundo precisa saber o que eu comi no café da manhã". Não, o mundo não precisa saber disso. Então é um tipo de trabalho muito autoabsorvido que se torna inconsequente. Perde de vista o que é realmente importante.

Precisamos de modéstia. É uma via de mão dupla. Aprendemos com os trabalhadores. Aprendemos com suas experiências. Quais são suas prioridades? Não dizemos a eles suas prioridades, eles nos dizem […]. Precisamos que professores passem mais tempo fora da universidade. Precisamos trazer pessoas de sindicatos e organizações não-governamentais ou grupos ambientais para a sala de aula. Fazer o ensino e a pesquisa acadêmica baseados no mundo real.

Parte desse processo é essa tendência irritante de escrever no estilo mais enrolado possível, cheio de jargões. Acadêmicos escrevem para outros acadêmicos. "Vou impressionar as pessoas com minha sofisticação e sutileza e escolha de palavras". Mas isso torna difícil para as pessoas entenderem. Essas ideias já são difíceis o suficiente quando colocadas em linguagem simples, certo? Então tenho tolerância zero para escrita acadêmica rebuscada. É assim que se ganha prestígio, escrevendo coisas que ninguém entende. E para mim não é isso que deveríamos estar fazendo. Tentei fazer uma espécie de pequeno nicho para mim mesmo. Tentei

entender ideias complicadas e colocá-las em linguagem ordinária. Não é fácil e às vezes não tenho sucesso. Coisas como a teoria do ator-rede… Se lermos pessoas como Bruno Latour, ou, pior ainda, Deleuze e Guattari… Vamos ser humildes, vamos colocar as coisas em linguagem simples, vamos aprender das pessoas que não são acadêmicos e construir pontes com elas. Vamos produzir conhecimento que seja útil para a mobilização política efetiva. No fundo o mundo é político e as pessoas que ignoram a política são inocentes ou estúpidas.

Os problemas de um fazendeiro do Malawi ou uma criança em Mumbai são problemas nossos. São tão importantes para nós quanto problemas em São Paulo ou no Kansas. A empatia não decai com a distância.

Se queremos combater o neoliberalismo, se queremos apresentar visões alternativas em face da mídia corporativa, precisamos fazer isso de maneira sistemática e ordinária, que não venha de um punhado de ideias de elite. Temos que dar voz às preocupações das pessoas que não têm voz. Dar voz aos sem teto, dar voz aos pobres. Dar voz aos povos indígenas. E até certo ponto isso tem acontecido. Parte do pós-modernismo e do pós-estruturalismo consiste nessa preocupação com a alteridade e com escutar a periferia, escutar as pessoas marginalizadas, então isso está acontecendo, mas essas vozes ainda estão contidas na academia, então… Desculpem, fico muito impaciente com isso.

Façamos dos acadêmicos ativistas políticos. Quer dizer, é apenas o futuro do mundo que está em jogo, não é mesmo? E coisas como direitos dos animais. Temos direitos das minorias, direitos das mulheres, direitos dos gays… Direitos dos animais é parte do movimento por direitos civis e do movimento pela democratização. Vamos estender nosso círculo cosmopolitano de compaixão. O neoliberalismo é sempre sobre si próprio. “Sou um indivíduo, nada mais importa. Eu, eu, eu. Sou ambicioso e isso é bom”. Ser cosmopolita é o oposto. Estou estendendo meu círculo de compaixão: não sou só eu, minha família, meus amigos, não apenas minha cidade ou meu país, mas o mundo. Tornemos nosso círculo de compaixão o mais amplo possível, tragamos pessoas e animais para ele. Os problemas de um fazendeiro do Malawi ou uma criança em Mumbai são problemas nossos. São tão importantes para nós quanto problemas em São Paulo ou no Kansas. A empatia não decai com a distância.

* * *

Sobre o entrevistado

Barney Warf, geógrafo estadunidense, é professor no Departamento de Geografia da Universidade do Kansas. É graduado e mestre em Geografia pela University of California, Los Angeles (UCLA) e doutor em Geografia pela University of Washington. Publicou, dentre outros, os livros "Human Geography: A Serious Introduction" (2016), "Global geographies of Internet" (2012), "Encounters and Engagements between Economic and Cultural Geography" (2012) e "The World Economy: Resources, Location, Trade, and Development" (2010).

* * *

BCG: http://agbcampinas.com.br/bcg
Entrevista realizada em abril de 2016.